

O QUE PODE UM CORPO *QUEER*?

Thiago César Carvalho dos Santos

Na sétima edição da (Des)troços, propomos um mergulho nas profundezas potentes das corporeidades e subjetividades *queer*, que constantemente reimaginam os limites que definem os contornos da existência. "*Queer*", mais do que uma mera categoria identitária, apresenta-se como uma estratégia teórica e prática de luta, um gesto de resistência contra as configurações normativas de sexo, gênero e desejo.

Retomando a interrogação espinosista — "O que pode um corpo?" —, este dossiê se ancora em nosso tempo, em que estratégias biopolíticas avançadas buscam homogeneizar e explorar a vida. No entanto, confrontamos uma emergência de práticas que utilizam a plasticidade rebelde dos corpos para transgredir e reescrever as fronteiras impostas pelo capitalismo e seus dispositivos tecno-políticos. Corpos *queer* não operam como meros objetos de manipulação, mas sim como entidades ativas, refratárias às tentativas de disciplinamento, capazes de reconfigurar os próprios códigos que buscam subjugar-los. Assim, os corpos *queer* se articulam em narrativas que desafiam as lógicas hegemônicas, revelando e explorando as rachaduras dos sistemas de controle.

Este número, então, estabelece diálogos que transcendem as fronteiras das teorias de gênero e sexualidade, engajando-se tanto com os pensadores do norte global, como Michel Foucault, Judith Butler, Teresa De Laurentis e Jack Halberstam, quanto com as epistemologias decoloniais e interseccionais do Sul Global, representadas por figuras como Jota Mombaça, Sofia Favero e Berenice Bento. Esta abordagem não apenas mapeia, mas também perturba as divisões entre o "centro" e a "periferia" nos estudos do pensamento *queer*.

As reflexões compiladas buscam não apenas desafiar as normas hegemônicas, mas também explorar as interconexões complexas de raça, classe, gênero, sexualidade e outras formas de opressão. Reconhecemos que as experiências *queer* são moldadas por estruturas de poder entrelaçadas e que a luta por emancipação requer uma análise crítica e interseccional. A inclusão de perspectivas do Sul Global não é apenas uma questão de diversidade, mas uma reivindicação de resistência e descolonização, oferecendo novos caminhos para entender as complexidades das identidades marginalizadas.

Ao explorar essas possibilidades, aspiramos a uma teoria *queer* que não apenas desafie a normalização, mas também reconheça e celebre as múltiplas formas de existência. Buscamos dismantelar as estruturas de poder que perpetuam a exclusão e marginalização, oferecendo novos modos de entender a complexidade das identidades.